

Entrevista com o Professor Fidel Tubino*

PERSPECTIVA: Poderia, para iniciar, nos dizer qual a sua trajetória, na área da Educação?

PROF. TUBINO: Bem, no campo da Educação, acima de tudo tenho me dedicado ao ensino, também à investigação, porém mais ao ensino de Filosofia ao nível universitário, durante uns doze anos no Peru, em Lima. Ainda no campo da Educação, trabalhei um ano num programa de alfabetização de adultos feito no Peru e que, lamentavelmente, foi interrompido por razões políticas de troca de governo. Foi uma experiência fora da universidade, fora do contexto universitário, mas que, pessoalmente, posso considerar como mais enriquecedora que a experiência pedagógica que tenho conseguido desenvolver na universidade. Principalmente por tratar-se de aplicar o método de Paulo Freire a um contexto bilíngüe, como era o contexto de alfabetização que se apresentava naquele momento no Peru — uma população kechua a ser alfabetizada. O problema do bilingüismo era um problema que estava, por assim dizer, contemplado no método de alfabetização e conscientização de Paulo Freire. A experiência de, mais ou menos, tentar inventar formas de alfabetização, sempre a partir da idéia central de Paulo Freire, de que a alfabetização deve conseguir, ao mesmo tempo, uma expansão progressiva da pessoa que está aprendendo, não somente a ler um texto, como também a construí-lo. Para mim foi uma experiência, nesse sentido, muito rica: poder observar, na prática, como pessoas que, tendo lhes sido vedado o ato de ler e escrever, começavam a construir seus próprios textos, a partir de suas próprias experiências.

PERSPECTIVA: E sua experiência como professor universitário?

PROF. TUBINO: Minha experiência como professor universitário tem sido uma experiência da qual eu mesmo tenho me questionado muito. É todo um problema de ensinar Filosofia; porque, inclusive, não se trata de ensinar apenas determinados conteúdos, pelo menos assim é como eu vejo o problema do ensino de Filosofia. Não se tratava, por exemplo, de ensinar aos alunos sobre o que dizia Platão, ou o que disse Aristóteles, ou o que disse Kant; mas sim tratava-se, mais que tudo, de ensinar aos alunos a fazer o que um homem como Platão fez, o que um homem como Kant fez. Ou seja, pensar numa forma crítica e criativa ao mesmo tempo. Então,

*Professor de Filosofia da Universidade Católica de Lima, Peru. Entrevista realizada em novembro de 1986.

a partir desta idéia base, como eu já disse, me sentia constantemente questionado, pois ao mesmo tempo em que sabia qual objetivo deveria ser cumprido, tinha clareza da dificuldade em cumpri-lo. É uma experiência que tem sido realizada em grupo, um trabalho desenvolvido sempre num grupo de 4 (quatro) a 5 (cinco) professores. Creio eu que se conseguia, no final, conciliar certas técnicas que mais ou menos foram sendo descobertas durante o andamento do curso de Filosofia na universidade. Para conseguir isso que eu dizia, ensinar um pouco o aluno a pensar e não somente a pensar, mas a gostar do ato de pensar, essas duas coisas. Porque geralmente essas duas coisas se encontram dissociadas, dando a impressão de que o pensar e o prazer são duas coisas totalmente distantes, eu tentava juntar.

PERSPECTIVA: Quais, na sua concepção, seriam os principais problemas percebidos no ensino de Filosofia dentro da área de Educação? Você colocou sua experiência também no interior de cursos dados na Educação. . .

PROF. TUBINO: Sim. Bom, para mim foi uma das experiências mais ricas, ensinar Filosofia numa faculdade de Educação, pela atitude dos alunos. Nós sempre procuramos estimular a participação dos alunos dentro da classe, a partir de uma certa leitura prévia. O problema principal, de acordo com a pergunta, é que temos no Peru a educação secundária, a educação primária e a secundária em geral, que são tipos de educação, apesar de todas as tentativas de reforma e renovação, altamente memoristas. Então, o aluno que chega a um curso no qual não mais lhe será exigido que ponha a funcionar 100% de suas faculdades memorizadoras, fica um pouco chocado quando o professor não faz em sala de aula aquilo a que ele estava acostumado ver o professor fazer. Há um ambiente como que de desconcerto nos alunos, quando o professor, no lugar de expor um tema e exigir do aluno que repita o que lhe foi dito, conversar com os alunos e a partir de problemas que interessem ao aluno são propostas leituras de textos sobre as quais devem ser levantadas perguntas para a sala de aula. Geralmente, o aluno não está muito acostumado a elaborar perguntas. Está, mais que tudo, acostumado a ouvir respostas. E justamente tratava-se do contrário: mais valor tinha, quem sabe, uma boa pergunta, que uma resposta já lida. Inventar uma pergunta que pudesse ajudar a descobrir, por exemplo, um marco de problemas que alguém estava deixando de lado. Isso, por exemplo, é um obstáculo, um problema, mas que eu creio que não impede o exercício do ensino da Filosofia.

PERSPECTIVA: E o 2º grau? Há uma disciplina de Filosofia na escola secundária?

PROF. TUBINO: Foi eliminada até um certo tempo e agora voltou a ser incorporada.

PERSPECTIVA: Algumas colocações que forneçam mais ou menos um perfil, superficial ainda que seja, mas o que é a universidade no Peru?

PROF. TUBINO: Bom, um panorama geral pode nos dizer que existe uma universidade muito antiga que é a universidade de São Marcos. As universidades estatais, neste momento, estão passando por uma crise bastante forte. O principal problema que se sente nas universidades, neste momento, é a ausência de investigação por falta de recursos econômicos. Esse é um problema muito sério.

PERSPECTIVA: Isso é por igual em todas as áreas ou é diferente de área para área?

PROF. TUBINO: Geralmente as áreas mais afetadas são as áreas Humanas. As áreas que geralmente recebem mais apoio de fundações são as áreas de Ciências Aplicadas, mas apesar dos problemas, neste momento, lá no Peru, existe um grande movimento em gestação na universidade, um movimento intelectual e cultural ao nível das publicações. Começam a surgir publicações, coisas que não existiam. Bem, os professores, também, a maioria tem ido ao estrangeiro e retornam, para ampliar a formação recebida dentro da universidade. Mas, é óbvio que o sistema universitário está em crise, porque apesar de todas as tentativas para fazer da universidade um centro de investigação, um centro de consultas dos grandes problemas nacionais, até este momento não se falou nada, ou seja, a universidade peruana não é, ainda, um centro de discussão dos grandes problemas nacionais ao nível da grande política que se implanta no País. A universidade, até agora, não é um interlocutor, ao qual se pede uma opinião ideologicamente lenta, mas tecnicamente ou cientificamente valorizada, ainda não. Por isso, de um modo geral não estamos satisfeitos com o que é a universidade hoje em dia. Além de que o ensino superior, esse também é um outro problema bastante grande. Depois do ensino secundário, ao nível de ensino superior, não se incentivam, na prática, formas alternativas de ensino universitário. Por exemplo, o ensino superior de caráter técnico, até agora não foi incentivado, porque a maioria dos estudantes ao terminar a escola secundária acha que sua única possibilidade de conseguir chegar ao mercado de trabalho e à sociedade, é através do filtro universitário. A universidade acaba assumindo uma série de tarefas que não lhe pertencem.

PERSPECTIVA: Não há no nível de ensino secundário uma formação profissionalizante?

PROF. TUBINO: Não. Houve numa época. Tentou-se fazê-lo e lamentavelmente, são experiências que têm durado muito pouco. Chegaram a ser criadas as chamadas ESEPs — Escolas Superiores de Educação Profissional e surgiram certas ESEPs pilotos; e o que se procurava era justamente isso, preparar desde a educação secundária e dar uma educação profissionalizante ao aluno. Isso durou aproximadamente uns oito, nove ou dez anos e depois, em vez de se apoiar esse tipo de experiência, foram sendo progressivamente extintas. Agora restam algumas quantas, mas houve um retrocesso nesse sentido.

PERSPECTIVA: E o ingresso na universidade, no 3º grau, no ensino superior?

PROF. TUBINO: No ensino superior, o ingresso é através de um exame semelhante ao vestibular que existe aqui nas universidades brasileiras. É um exame feito pela grande massa de estudantes que luta por ingressar nos centros universitários. É um exame objetivo, como se fosse um jogo de respostas objetivas, “cruzinhas”, com um tempo de duração limitada e corrigido por um sistema de computação.

PERSPECTIVA: O Curso de Pedagogia, de Educação, é valorizado?

PROF. TUBINO: Neste momento realmente o campo da Educação é um campo bastante sofredor. Em primeiro lugar porque os alunos acham que o mercado de trabalho do professor é bastante árido e salários muito baixos. Neste momento, por exemplo, na universidade onde eu trabalho e poderia-se dizer em todas as universidades, a grande massa de estudantes se encaminha para profissões de Ciências Aplicadas (Economia, Contabilidade) profissões nas quais, — Direito por exemplo, sendo um número enorme os que estudam advocacia, — se faz evidente que o que os estudantes procuram é uma segurança econômica que não encontram. Mas, apesar disso, em Educação há um grande número de alunos. Por exemplo, nos últimos anos, uma área dentro da Educação a que se está dando muito importância e que tem sido muito procurada por alunos, principalmente do sexo feminino, é a área de educação inicial, pré-escolar, porque a educação pré-escolar vem sendo implantada no Peru, efetivamente, faz pouco tempo, a partir da integração da mulher ao campo de trabalho, quando, então de fato, a educação pré-escolar se torna necessária. Essa é uma área em implantação e, por isso, se tem bastante possibilidades de trabalho. Eu passei como professor de Filosofia pela Educação e é impressionante ver um público em que, de 120 pessoas, 100 se preparavam para a educação inicial.

PERSPECTIVA: Sim, e no caso dessa expansão da educação pré-escolar, paralelamente a essa questão, ela está se dando pela via da escola pública, oficial, mantida pelo Estado, ou por iniciativa de ordem privada?

PROF. TUBINO: Fundamentalmente sobre a iniciativa privada.

PERSPECTIVA: Como é que é a relação do governo com a Educação?

PROF. TUBINO: Bom, em primeiro lugar, para relativizar um pouco a resposta, eu saí do Peru dois meses depois que entrou o governo do general Morales (1975-1980), e tenho-me mantido ausente durante todo esse tempo até o dia de hoje. Na verdade, as informações que eu tenho são por vias indiretas. O que sei, por exemplo, é que, até o dia de hoje, não se tem feito uma reforma educativa no Peru. Foi aplicado um plano monetário que reduziu a inflação no começo, mas que depois voltou a subir. Essas foram as primeiras medidas tomadas, mas reformas educacionais não se têm feito, é um campo que, lamentavelmente, até agora,

se mantém intocado.

PERSPECTIVA: Como está concebida a escola primária? Quantos anos são obrigatórios? Quantas horas por dia? Qual a relação do Estado com as escolas, o controle, a inspeção?

PROF. TUBINO: Bom, em princípio, depois da educação pré-escolar, que cada vez se torna praticamente. . . , ou seja, não é um requisito para entrar no colégio ter passado pelo pré-escolar, mas neste momento todas as crianças a partir dos três anos de idade já ingressam na educação pré-escolar e na escola iniciam a partir dos seis anos, ou seja, a educação primária começa a partir dos seis anos. São seis anos de educação primária e cinco anos de educação secundária. Quanto ao horário, como se comporta a educação primária neste momento. . . Bem, para estudar se dividem em dois turnos, de manhã e à tarde, sendo que de manhã as crianças vão a partir das oito e meia, até às doze, e à tarde, a partir das duas horas.

PERSPECTIVA: Há países como Argentina e Uruguai em que o ensino é o dia todo. Houve disso no Peru?

PROF. TUBINO: Sim, inclusive a educação que eu recebi foi assim, foi o dia inteiro.

PERSPECTIVA: E a que horas você entrava e ficava até. . . ?

PROF. TUBINO: Eu entrava às oito horas e quinze, até às doze e depois voltávamos às duas da tarde até às cinco e quinze, todos os dias.

PERSPECTIVA: E isso acabou?

PROF. TUBINO: Isso acabou.

PERSPECTIVA: Isso é na escola pública?

PROF. TUBINO: Não, na escola privada. Existem, ainda, algumas escolas privadas que fazem depois do horário escolar normal, que por exemplo acaba às doze, um horário optativo que os pais de família aceitam. A criança fica para almoçar no colégio e nas tardes até umas três, quatro horas da tarde, são organizadas atividades, dentro do colégio, que são extracurriculares, atividades de oficinas artísticas, atividades de música ou aulas para reforçar certos alunos que tenham dificuldades em certas áreas de conhecimento, até às cinco, seis horas da tarde, isso não é obrigatório.

PERSPECTIVA: Mas a escola pública de um modo geral funciona com quatro horas diárias?

PROF. TUBINO: Sim, a escola pública, sim.

PERSPECTIVA: Existe movimento sindical de professores?

PROF. TUBINO: Existem movimentos sindicais, esse é outro aspecto

educativo. O movimento sindical dos professores é bastante forte, é um movimento unificado ao nível de todo o País. As principais reivindicações têm sido fundamentalmente econômicas. Só agora existem alguns grupos que procuram orientar esse tipo de lutas sindicais, para melhorias não só econômicas, mas também pedagógicas. Queriam verbas para, não somente receber salários mais dignos, como também poder fazer o que um professor acredita que pode fazer numa aula, mas fundamentalmente o problema econômico é mais forte.

PERSPECTIVA: Mas houve uma certa evolução, ou involução, no sentido de que antes existia um certo equilíbrio entre professores homens e mulheres na área secundária, depois, até certo momento, com a diminuição de salários foi ficando com a parcela feminina?

PROF. TUBINO: Sim, exatamente. Porque eu tinha me dedicado a dar aulas na faculdade de educação onde 80% do público era feminino. Era impressionante.

PERSPECTIVA: Mas na sua época havia mais professores?

PROF. TUBINO: Eu creio que havia um pouco mais, principalmente na educação primária. Já na educação secundária, havia mais homens. Isso continua igual.

PERSPECTIVA: Você falou que não existe no Peru ou se já existiu foi gradativamente acabando, uma formação secundária de caráter profissionalizante. Então, como é que são formados os professores para a escola primária?

PROF. TUBINO: No interior das universidades, dentro da faculdade de educação. Seguem numa série de cursos especializados ao nível didático, por exemplo, para os cursos de matemática ao nível de 8, 9 ou 10 anos, segundo a área que escolheu o professor; pode ser Matemática, Ciências Históricas e Sociais, área de Educação Artística, então o professor recebe uns cursos introdutórios de todas as áreas, Filosofia, Sociologia, etc., e depois vai receber cursos especializados, por exemplo, se vai ser professor de Educação Artística, de Matemática, de Histórias Sociais, talvez esteje esquecendo-me de alguma área a mais. . . linguagem é outra área.

PERSPECTIVA: E também nas escolas normais?

PROF. TUBINO: E também claro.

PERSPECTIVA: Principalmente para primário, não?

PROF. TUBINO: Não, primário e secundário também. As escolas normais são paralelas à universidade.

PERSPECTIVA: Qual é a posição, vamos dizer o status dessas escolas normais no conjunto do sistema de ensino. Elas são escolas de caráter

de ensino superior ou de ensino secundário?

PROF. TUBINO: São de ensino superior.

PERSPECTIVA: Isso em quantos anos?

PROF. TUBINO: Aproximadamente cinco anos, depois do secundário.

PERSPECTIVA: Em que porcentagem os professores que trabalham em ensino primário, são professores formados nessas escolas, ou há professores que não são formados?

PROF. TUBINO: A maioria dos professores são formados nessas escolas normais. Depois da escola secundária, eles começam a fazer práticas a partir, mais ou menos, do terceiro ano de estudos, ou seja, começam a fazer práticas em colégios do Estado.

PERSPECTIVA: Mesmo nas zonas rurais são professores formados pelas escolas normais?

PROF. TUBINO: A maioria dos professores de zonas rurais são formados em escolas superiores normais.

PERSPECTIVA: Para nós parece uma coisa fantástica isso; no Brasil ainda se luta para acabar com o professor chamado "leigo", que não tem nem o secundário, muitas vezes mal tem o curso primário nas áreas rurais. Mormente no Norte e Nordeste do País, também aqui em parte, embora menos, é o professor que alfabetiza quando ele mesmo tem uma formação precaríssima. Então, no Peru, que é um país com problemas parecidos com os do Brasil, parece até um luxo que um professor da zona rural tenha cinco anos de curso, com formação superior.

PROF. TUBINO: Uma coisa que eu achei interessante é que no ensino pré-escolar existe o sistema de que os professores tenham ajudantes. Então na parte do ensino público, as pessoas que são ajudantes de professor têm que ter o curso secundário completo.

PERSPECTIVA: Você poderia traçar a história da universidade peruana? Sim, rapidamente. Porque eu achei um pouco diferente, as nossas universidades não têm nem 50 anos. Das universidades brasileiras, como universidade, a mais antiga é a do Paraná com 60 anos e a USP completou agora 50 anos.

PROF. TUBINO: Bom, o que eu sei é que a universidade mais antiga da América Latina se localiza em Lima, porque Lima foi, durante toda a época da colônia espanhola, a Capital do reinado. O representante do rei morava em Lima, as famílias de todos os grandes burocratas da administração da coroa se encontravam situadas em Lima e isso criou um ambiente para que surgisse a universidade nesse lugar. Agora, se mal me recordo, São Marcos é uma universidade que começa a funcionar como universidade já, mais ou menos, no século XVIII. São Marcos sempre se diferenciou

do Peru, porque foi uma universidade que deu uma educação que não estava sob o controle da Igreja Católica. Isso pensando no que foi a colonização espanhola, é algo único pela influência que tinha a Igreja no campo da Educação ao nível da universidade. A influência da Ilustração foi bastante forte dentro da São Marcos e no século XIX a influência do positivismo foi também bastante forte. Durante muito tempo, digamos, foi a universidade o eixo do vice-reinado nesse sentido. Tanto é assim que o movimento de independência no Peru vai ser feito pelos crioulos, que vêm a ser os filhos de espanhóis educados justamente nessa universidade, entre outras. A grande revolução contra a Espanha, que vai ser muito violenta, será liderada justamente por pessoas com esse tipo de informação. Já no século XX surgiu a Universidade Católica. A Universidade Católica surge justamente num primeiro momento, frente à enorme influência que o positivismo tinha dentro da São Marcos e a enorme influência que São Marcos tinha dentro da Nação. Ou seja, os governantes do País eram pessoas educadas, por mais de um século, na Universidade de São Marcos. Inclusive houve em São Marcos, mais ou menos nos anos 20 e 30, uma reforma universitária. Era a época na qual houve um grande movimento de reforma universitária na Argentina, o movimento de Córdoba. Em Lima, foi na Universidade de São Marcos. A partir desse momento, começa um movimento de democratização das universidades, e, também, um movimento de politização bastante grande nas universidades. Com o passar dos anos, a Universidade de São Marcos vai entrar numa crise bastante grande e, atualmente, é uma universidade que vive mais de seu passado que de seu presente. A Universidade Católica, com o passar do tempo, deixou de ser uma universidade que procurava ser uma espécie de defensora do Cristianismo frente ao positivismo e esse tipo de coisas. Foi se transformando com o passar dos anos num centro fundamentalmente de pesquisas com uma grande preocupação pela qualidade de ensino. Existe também, nesse momento, uma grande proliferação de universidades particulares, que funcionam antes do que com estilo de universidade, com estilo de empresa, na minha opinião. Ou seja, há inúmeras universidades privadas em todo o País. . .

PERSPECTIVA: Eu tenho uma curiosidade, voltando um pouquinho à prática dos alunos que já estão na escola superior, normal superior, a prática nos colégios, nas escolas da comunidade, quanto tempo leva essa prática?

PROF. TUBINO: Essa prática, normalmente, está localizada nos dois anos finais. Ou seja, são práticas supervisionadas por professores. O que os alunos têm que fazer nesse momento é, por exemplo, preparar a aula. Tem que dá-la, mas com a supervisão do professor que o observa e o ajuda. Pouco a pouco vai-se dando liberdade ao praticante. Uma coisa curiosa é que não se fazem escolas especializadas, não existe um tipo de escola na qual se faça essa prática, senão que se manda ao estudante que faça suas práticas nas escolas estatais, onde se supõe que vai ter que se desenvolver depois.

PERSPECTIVA: Qual é a relação da universidade com as escolas, nas questões de prática. Existem resistências nessas escolas por se acharem separadas?

PROF. TUBINO: Em absoluto. Digamos que os mesmos professores que dão aula tiveram que passar por essa experiência e acham perfeitamente normal que venha um praticante para ser supervisionado por um professor. O professor aí se converte em seu professor, ou seja, o praticante passa a ser um aluno seu, praticamente. E se supõe que ele vá aprender do professor o que vai fazer. Não desperta resistências.

PERSPECTIVA: Particularizando um pouquinho mais na questão desses alunos do curso superior. Qual a postura assumida quanto ao seu curso superior, à sua formação? É um aluno que tem um bom nível de informação? Um bom nível cultural? Lê bastante? Procura a biblioteca? Desenvolve atividades assim, se associa a eventuais pesquisas que os próprios professores das universidades estejam desenvolvendo? Há uma atividade acadêmica bastante viva, digamos assim?

PROF. TUBINO: Salvando exceções gloriosas de gente que tem estudado Educação, realmente, com uma vocação muito grande, a maioria dos estudantes não têm essa inquietação pela investigação, pela pesquisa. Evidente que são um tipo de alunos que arrastam um pouco das "taras" da educação escolar, então, por exemplo, o hábito de ler é um hábito que fundamentalmente o aluno não adquire durante os anos de escolaridade, então, quando chega na universidade, o aluno não tem o hábito de ler. O que se faz muito, por exemplo, é incentivar um pouco a cultura "in separata", dar a ele alguns artigos interessantes para que leiam e depois os discutam em classe. Por exemplo o curso de Filosofia: há um programa onde se trata de certos problemas, há uma bibliografia que o aluno pode consultar e geralmente não consulta, porque não é obrigatória para o curso. Além disso, a cada unidade temática do programa se distribui para o aluno um conjunto de textos, às vezes textos de uma só página. No início da aula se distribui aos alunos um texto de uma ou duas páginas, se faz uma leitura e depois se começa a fazer perguntas que já tenham mais ou menos uma idéia preparada para poder. . . , para ver se a dinâmica consegue abranger os problemas necessários. O aluno aceita esse tipo de leitura, a leitura rápida, com muita facilidade, mas a cultura do livro como tal, essa se tem perdido muitíssimo, porque o aluno não está acostumado a ler um livro.

PERSPECTIVA: E estes professores têm uma produção de pesquisa permanente, assim, continuada, que tenha raízes, que o professor se dedique?

PROF. TUBINO: Uma minoria. Eu não creio que a maioria dos professores pesquise. Vamos dizer o que acontece até este momento. . .

PERSPECTIVA: Nós estamos falando do professor da universidade?

PROF. TUBINO: Sim, sim, sim. O professor da universidade está um pouco, nesse sentido, sumamente restringido. Por quê? Porque a maioria

dos professores, por exemplo, trabalha em duas universidades. Então o tempo que fica em termos reais para dedicar-se à investigação e à pesquisa é muito reduzido.

PERSPECTIVA: Por que a maioria trabalha em duas universidades?

PROF. TUBINO: Por razões fundamentalmente econômicas. Por exemplo, neste momento isso está se modificando um pouco, não sei quanto, mas eu tenho tomado conhecimento de que agora se está promovendo o professor universitário e se está exigindo tempo também, que ele se dedique um pouco à atividade da investigação. Essa modificação consiste em que o professor universitário durante muito tempo, se tem dedicado fundamentalmente ao trabalho de ditado de aulas e avaliação, ditado e avaliação, e de uma forma muito restrita, penso. Mais que investigação deveria haver a reatualização do professor. O professor, mais que investigar, se reatualiza. Está constantemente procurando manter-se a par do que está acontecendo, mas uma coisa é reatualizar-se e outra coisa já é a pergunta que me fazias: empreender uma investigação a longo prazo. Há investigações eventuais, mas que não chegam a converter-se em uma atividade a longo prazo que junte muitos professores. Está se começando, pela primeira vez, na universidade onde eu trabalho, a fazer investigações interdisciplinares. É um tipo de investigação que normalmente não se fazia. Concentrar sociólogos, antropólogos, filósofos, educadores, ao redor de um tema concreto. Eu poderia contar experiência nesse sentido sobre o que se fez no último ano de estudos. Não sei se há interesse. . .

PERSPECTIVA: Sim, pode falar. . . para a gente é um exemplo que talvez desse para seguir.

PROF. TUBINO: Por exemplo, um problema no Peru que neste momento é um problema bastante candente é o problema da violência. Ou seja, a violência nos termos mais amplos da palavra. A sociedade peruana neste momento é uma sociedade que estima a violência, a violência política. . . O Peru tem entrado há mais ou menos cinco anos numa época de guerrilhas rurais que neste momento começam a estender-se às zonas urbanas. Sendero Luminoso neste momento é quase. . . bom, é um movimento de guerrilhas rurais bastante pronunciado. Há uma violência econômica muito grande, pelo menos é um tipo de violência que não se havia conhecido antes no Peru. Também a nível. . . , formas também informais de violência: aumento da delinqüência, aumento de assaltos, muitas vezes delinqüência infantil, ou seja, esse é um fenômeno que não havia existido até uns cinco ou seis anos antes e pela primeira vez começa a. . .

PERSPECTIVA: Violência urbana inclusive de várias formas?

PROF. TUBINO: Sim, então como isso já é praticamente o pão de todos os dias, a universidade, um número de professores pensamos que, não se pode manter à margem do que está acontecendo, porque esse tipo de violência pode chegar à universidade. É preciso ver o que está aconte-

cendo a cinqüenta metros já da própria universidade. Então a partir disso criou-se um grupo interdisciplinar sendo o tema do grupo, o tema de pesquisa justamente o problema da violência no Peru contemporâneo. Concentravam-se em cada área três professores, por exemplo, para História. Para ver um pouco todos os resultados de equipes, toda essa expansão da violência, professores de Psicologia, Sociologia, Filosofia Antropologia, Educação e Trabalhos Sociais eram chamados. Era um grupo mais ou menos bastante amplo. O trabalho se dividiu em três partes e foi financiado por uma fundação do exterior, americana. . . O trabalho se dividiu em três etapas: Uma primeira etapa que era de investigação propriamente dita, na qual cada subgrupo tinha por sua vez um subprojeto que era integrado a um projeto fundamental. Então, cada subgrupo de investigação a cada mais ou menos quinze dias, ou a cada mês, ia apresentando o estado de avanço do trabalho aos outros grupos, até que se foram elaborando alguns textos. Nesse momento os alunos começaram a participar também dessas sessões. Essa foi a primeira etapa, a etapa da investigação. A segunda etapa, na qual se encontra atualmente esse grupo de trabalho interdisciplinar é a etapa da publicação de um livro que concentre toda a investigação. Mas depois se pensou em realizar uma terceira etapa, porque o problema é que no fim a gente faz um livro, e daí? Quanto esforço para se ter um livro a mais e que, muitas vezes, nem se lê. Porque não somos, e sabemos, um povo muito dado à leitura, assim de forma espontânea. Então daí se pensou que era necessária uma terceira etapa. E é aí que justamente entra a participação dos educadores e todos os assistentes sociais. Era vital que se tentasse concretizar um pouco de tudo isso que estava no livro. Na criação, por exemplo, de formas alternativas de trabalho nas escolas e formas alternativas de trabalho ao nível de assistência social, o que, através da faculdade de educação e da faculdade de trabalhos sociais poderiam ser implantadas. Isso por um lado, mas também a longo prazo, como posso incluir esse tipo de trabalho na formação de currículos de uma faculdade de educação. Supõe-se que se tem que incluir esse tipo de investigação, mas também, o que se pensou é que a universidade tem que ser um centro de consulta dos grandes problemas nacionais, não só de investigação. Então, o que se está organizando é isso, a partir dessa publicação com a escusa de que nós vamos apresentando a publicação ao público. Organizam-se painéis aos quais se convidam representantes de sociedade, diversos representantes das vias políticas do País, dos diversos grupos políticos que têm um peso muito forte ao nível de governo. Por exemplo, militares que tenham amigos na vida política do Peru, embora agora não tenham nenhuma presença aparente no poder. Não conheço exatamente o grau de sua força, porque faz sete anos que eles não estão no poder, mas a presença militar é fundamental nesses colóquios sobre a violência, sobretudo. Então se trata de que esses colóquios sejam públicos, de que tenham difusão através do rádio, através da televisão, que despertem certos comentários ao nível dos jornais. Então, que a investigação não se limite somente à publicação do livro, senão que tenha repercussão nas vias públicas do País através deste tipo de

painéis e também a longo prazo através de modificações dentro dos currículos da faculdade de educação das universidades. Todos os professores, por exemplo, que trabalham no âmbito rural do Peru, vão estar cara a cara com a violência do Sendero Luminoso. Como o professor tem que estar preparado para isso? De alguma maneira. Qual pode ser a contribuição de um professor frente a esse problema? Isso sim, aconteceu um grande debate nesse sentido.

PERSPECTIVA: Essa terceira etapa também já foi cumprida ou ainda. . .

PROF. TUBINO: Não.

PERSPECTIVA: Está em projeto?

PROF. TUBINO: Sim, está. Nesse momento estamos na etapa da publicação, uma etapa que tomou mais tempo que o previsto. Está-se por entrar na terceira etapa. Isso, por exemplo, é uma experiência de investigação porque a pergunta vem um pouco a isso. Seriam investigações contínuas. . . Em termos gerais creio que não, mas por exemplo, esta é uma experiência concreta que tem previsão a longo prazo. E estou certo que dará lugar a outras investigações, não vai morrer. . .

PERSPECTIVA: E nesse sentido, qual seria o papel do pensamento pedagógico no Peru dentro das Ciências Humanas? Por exemplo, atualmente se pesquisa muito mais nas áreas exatas do que nas Ciências Humanas, como se considera a Educação? Qual o seu estatuto? Se se tem respeito pela Educação, por exemplo em meio a outras matérias, Economia, Filosofia, Antropologia, qual é o lugar que a Educação ocupa?

PROF. TUBINO: Ah! Que ocupa um pouco no programa de Educação?!

PERSPECTIVA: Não. O pensamento educacional dentro das outras Ciências Humanas. E tem volume significativo? Há uma produção?

PROF. TUBINO: Eu creio que não, na verdade eu creio que não.

PERSPECTIVA: Porque se um eclético atua num trabalho interdisciplinar, se você começa a trabalhar com pessoas da Economia e da Antropologia, logicamente isso vai se refletir. Se você colocar o Paulo Freire junto com um antropólogo, logicamente que o antropólogo vai respeitar o trabalho de Paulo Freire. Mas como que é o pesquisador médio em termos de Educação, em relação ao pesquisador médio em Economia, em Antropologia. Qual que é seu lugar dentro da própria área especializada que é a de Ciências Humanas?

PROF. TUBINO: Bom, em geral, eu penso que, talvez eu conseguisse dar uma resposta a essa pergunta desta maneira: é uma coisa que a mim sempre me chamou muito a atenção, a faculdade de educação não é uma faculdade que tenha repercussão na universidade. Ou seja que o professor universitário, não normalmente é claro, não é um educador. Dá a impressão de que a faculdade de educação é para aquelas pessoas que vão ensinar

ao nível secundário, primário e ao nível de educação pré-escolar, mas não se forma na faculdade de educação o professor universitário. Ou seja, dá a impressão de que se pode prescindir ao nível da educação superior da formação pedagógica. E se torna uma contradição enorme porque se pensa que não se pode prescindir da educação pedagógica para a educação primária ou secundária, essa mesma educação prescinde dessa educação para a formação superior. Não sei se aqui também é assim. . .

PERSPECTIVA: Exatamente assim.

PERSPECTIVA: E na universidade peruana, de um modo geral, especialmente na área de Ciências Humanas, como está a Pós-Graduação?

PROF. TUBINO Em Educação?

PERSPECTIVA Não, em geral. Ou seja, já há programas de Pós-Graduação na universidade do Peru?

PROF. TUBINO: Isso faz pouco tempo que começou, há mais ou menos uns dois anos. Isso é algo bastante novo, dois anos, ou melhor, três. . .

PERSPECTIVA: Não existia nesse caso no Peru?

PROF. TUBINO: Existia era o Mestrado, o que não existia era o Doutorado. Existia o Mestrado em certas áreas muito restritas. Por exemplo, na universidade onde eu trabalho existia o mestrado em Economia.

PERSPECTIVA: Importaram nosso modelo?

PROF. TUBINO: Sim, sim.

PERSPECTIVA: Em Educação é recente então?

PROF. TUBINO: Ah, sim! Em Educação é.

PERSPECTIVA: E mesmo assim esses cursos de Mestrado eram poucos?

PROF. TUBINO: Sim, poucos. Tinham poucos alunos no começo, mas com o tempo o que ia acontecendo é que se torna necessário para o aluno, se o aluno acaba, por exemplo, a graduação, a competição faz com que neste momento se ampliem os estudos. Com um título de licenciatura, que é um pouco o bacharel daqui, é uma vantagem muito grande porque existe o Mestrado. Então, neste momento, passa a existir um fluxo cada vez maior de alunos que se sentem obrigados a continuar, passar o Mestrado. O doutorado é algo que agora está por se criar.

PERSPECTIVA: Então essa formação de Pós-Graduação dos professores universitários, era feita principalmente no exterior?

PROF. TUBINO: Sim, fundamentalmente no exterior, durante muitos anos.

PERSPECTIVA: E na sua análise que resultados ou que conseqüências isso tem para a universidade, quero dizer, a universidade se beneficia

disso e deslança para frente ou não?

PROF. TUBINO: Bom, em termos gerais é algo positivo.

PERSPECTIVA: E esse exterior seria mais Estados Unidos ou outro país? Qual o mais escolhido?

PROF. TUBINO: Bom, para as Ciências Exatas, Estados Unidos; por exemplo, tudo o que é Engenharia praticamente é nos Estados Unidos. Mecânica e todo esse tipo de profissão. Para Ciências Humanas, continua sendo a Europa. Em Psicologia, por exemplo, aí teríamos que fazer uma distinção. Em Psicologia há uma divisão entre a formação behaviorista que pode o aluno procurar nos Estados Unidos. Uma formação que é mais de caráter, por exemplo, psicanalítico, se quiserem, vão à Inglaterra ou França, em vez dos Estados Unidos. E nas outras áreas de Ciências Humanas, Sociologia. . . em Sociologia também há divergências: Antropologia, Filosofia, História, continua sendo um pouco a Alemanha e a Inglaterra um pouco menos.

PERSPECTIVA: E Educação?

PROF. TUBINO: Educação eu tenho a impressão de que de um tempo para cá creio, pelo menos, que o que há não são juízos de valores, simplesmente uma descrição de fatos, é a influência americana que está querendo impor. A maioria dos professores que têm feito Pós-Graduação na Educação, tem sido em Guadalajara e Washington; a Europa não se está procurando muito até agora.

PERSPECTIVA: E a obra de Paulo Freire penetrou no Peru?

PROF. TUBINO: Sim, muitíssimo. E continua.

PERSPECTIVA: Mas dentro da área de Educação, ou, segundo você falou, dentro de movimentos populares ligados a partidos políticos? E como você considera o pensamento de Paulo Freire, será que é uma coisa mais elaborada — as grandes teorias da Educação — ou é uma coisa que é mais no nível da educação prática?

PROF. TUBINO: Bom, o que acontece é que no Peru houve, digamos no ano de 68 até mais ou menos o ano de 74, houve uma reforma educativa e aí sim, as idéias de Paulo Freire foram algumas das idéias explicadoras do plano educativo em geral. Então, nessa época, a obra de Paulo Freire não estava fora, vamos dizer, não era uma área marginal para os estudos de Pedagogia; ou seja, para entender a reforma universitária se tinha que ler Paulo Freire e entender o que ele queria fazer com a Educação, acima de tudo a dicotomia entre educação libertária e a educação manipuladora. Esse foi um dos grandes temas da reforma da Educação. Depois, digamos, a obra de Paulo Freire foi sendo deixada de lado, à medida em que o movimento reformista foi caindo em desuso com o tempo e se retomou um pouco o sistema tradicional de educação liberal. Durante uma época bastante longa, o que aconteceu também foi que a palavra conscientização foi totalmente estigmatizada. Para eles, falar em conscien-

tização era falar de comunismo, de guerra, luta, sangue, etc. Então tive que evitar textos sobre conscientização durante muito tempo. Mas de um tempo para cá, vamos dizer, em função, por exemplo do novo governo, se reproduz, pelo menos a nível de discurso, outra vez essa temática; não a nível da prática educativa. Volta-se a falar de tudo o que se falou em outra época, mas a nível de prática continua sendo mais ou menos o mesmo; e Paulo Freire começa a ser revalorizado a nível do discurso dos pedagogos, dos professores, etc. Mas a última pergunta que tu me fazias sobre. . . Eu não creio que a obra de Paulo Freire seja simplesmente válida a nível de alfabetização de adultos, ou seja, a metodologia é, pelo que conseguimos constatar, é bastante efetiva. Os adultos começam a ler e a construir textos após os três meses de participação dessa metodologia. Isso é verdade.

PERSPECTIVA: Pergunta-se se você considera mais como uma técnica ou como um pensamento?

PROF. TUBINO: Eu diria que as duas coisas, porque no fundo dessas técnicas, ou seja, o que Paulo Freire consegue conciliar é justamente um pouco isso, ele consegue juntar uma filosofia de Educação com uma técnica. Com uma prática educativa teórica concreta que é o que se dá durante a alfabetização de adultos. Isso sim é bastante interessante porque, por exemplo vocês têm trabalhado aqui com o movimento de Paulo Freire.

PERSPECTIVA: Trabalhou-se muito, hoje não mais. . .

PROF. TUBINO: . . . Por exemplo, todo o sistema que tem método de começar a estudar em reuniões, ao menos assim fazíamos no Peru, ou seja, se começava a estudar em reuniões e o que se fazia era colocar frente ao auditório um desenho. Um desenho que significava uma cena. Por exemplo, a gente recebia na noite um grupo de trabalhadores, que trabalhavam nas grandes fazendas de algodão. Então, chegava a noite e se colocava o desenho de uma pessoa colhendo o algodão, que estava mal vestida e, por exemplo, se colocava atrás do desenho a casa do patrão. Então as pessoas chegavam e começavam a conversar sobre a cena e pouco a pouco, iniciavam um diálogo. Bom, e com esse desenho se fazia era um pouco de associação de idéias. Bom, depois de quinze ou vinte minutos, o que havia ali era uma bomba na reunião. Bem, creio que ali se estava dando muito de movimento de transferência e projeção. As pessoas aparentemente estavam discutindo o que viam num desenho, mas estavam discutindo o que acontecia a eles próprios. Por exemplo, eu creio que aí Paulo Freire. . . , digamos, está a idéia central de sua pedagogia, a idéia de que a consciência é fundamentalmente transcendência. É um movimento intencional que tende a depositar-se fora de si mesmo, o objetivar-se. Era uma idéia que está no fundo de toda essa técnica pedagógica aparentemente inocente. Bom, eu tenho uma idéia de que a Educação, mais do que uma disciplina, é uma prática, e uma prática processual através da qual o que se busca é o acesso do indivíduo à autodeterminação; à expansão de suas próprias possibilidades. O interes-

sante é que essa idéia, a meu ver, estava ali no fundo do método de alfabetização de Paulo Freire. Alfabetização se interpretava não somente no sentido de ensinar a ler e escrever, senão, sobretudo, no sentido de ensinar à pessoa a poder, vamos dizer, fixar uma estrutura em seu próprio discurso e não no discurso de outro. Então, eu creio que aí vai o acesso à verbalização, o acesso à verbalização de sentimentos, como se poderia chamar. . . o acesso à fixação escrita dessa verbalização. Eu creio que é um momento de auto-afirmação, pode-se dizer até um momento existencial bastante grande. O grande problema era que a partir dessa auto-afirmação existencial, há a necessidade de uma prática transformadora na qual aquela se concretize. E aí começam os problemas no Peru, porque ali necessariamente a alfabetização se transforma num ato político e no momento em que se quer manter a neutralidade inicial. . .

PERSPECTIVA: Ou, restrita ao domínio da técnica. . .

PROF. TUBINO: Sim, sobrepassa nesse momento.

PERSPECTIVA: Professor, vamos mudar um pouco de assunto e falar de literatura? Nós temos um assunto "quente" a esse respeito, não é? Qual é, então, sua opinião sobre a polêmica Vargas Llosa X Gabriel Garcia Marquez?

PROF. TUBINO: É uma curiosidade essa transformação dele (Vargas Llosa) essa briga dele com as esquerdas peruanas. Porque eu li alguma coisa a respeito de uma palestra que ele deu sobre universidade, de uma universidade mais, mais. . .

PERSPECTIVA: Competente, séria. Sabe, eu fiquei meio assustado com isso, me assustou um pouco essa transformação dele.

PROF. TUBINO: Sim, como ele mesmo diz, que nele se aplica, ao pé da letra esse ditado de "jovem incendiário e adulto bombeiro". . . Ou seja, Vargas Llosa, as razões eu as desconheço, mas digamos que neste momento mudou completamente de orientação, é uma coisa constatada. Sobretudo, além do juízo literário, deixando de lado suas posições intelectuais, Vargas Llosa é neste momento, declaradamente, explicitamente um fervoroso defensor das democracias liberais. Sua grande birra é com as ditaduras militares. O que diz Vargas Llosa, entre tudo o que diz, é que de todos os sistemas políticos o menos mau é a democracia liberal; porque ele considera que entre os regimes socialistas o intelectual não tem liberdade de expressão. Seu discurso gira em torno disso e a partir disso ele toma posições bastante rígidas contra todo tipo de intelectuais. A palavra compromisso é uma palavra, por exemplo, que Vargas Llosa mesmo diz que Sartre, foi um dos autores que mais o confundiu durante sua adolescência. Por exemplo, eu acho um pouco que há literatos mais representativos do Peru nesse sentido, muito mais enraizados em seu próprio mundo: José Maria Arguera e o próprio César Vallejo. Aí sim Vargas Llosa sai totalmente disso.

PERSPECTIVA: Ele mora na França, não?

PROF. TUBINO: Ele vive no Peru. Temporariamente costuma viajar muito à Espanha, de tempo em tempo vai como visitante a Oxford, Inglaterra. Depois regressa, nos visita e regressa.